



**SESSÃO COORDENADA “HISTÓRIA E QUESTÕES
ÉTNICO-RACIAIS”
COORDENADORES:**

LEANDRO S. BULHÕES DE JESUS & FELIPE S. MAIOR CRUZ

**A COR DA DEVOÇÃO: AFRICANIDADE E RELIGIOSIDADE NA CULTURA
ROMEIRA NO CARIRI CONTEMPORÂNEO - DA AUTOIDENTIFICAÇÃO
RACIAL AOS TRÂNSITOS DEVOCIONAIS**

MARIA TELVIRA DA CONCEIÇÃO
URCA
professoratelvira@gmail.com

JADE LUIZA ANDRADE FERRAZ
URCA
contatojadeluiza@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste trabalho está pautado na busca para compreender em que medida os elementos étnico-raciais, sobretudo no tocante à identidade e as africanidades, marcam as práticas que constituem as singularidades da cultura romeira no Cariri cearense. A metodologia de levantamento de dados tomou como base a aplicação de questionários semiestruturados e entrevistas resultantes da pesquisa homônima, em andamento desde maio de 2016. Trata-se de uma pesquisa ancorada teoricamente em referências dos estudos pós-coloniais, cuja metodologia transita entre a pesquisa social e histórica, com enfoques e acento no aspecto cultural e étnico.

Palavras-chave: Religiosidade; Identidade étnico-racial; Africanidade.

INTRODUÇÃO

A região do Cariri cearense é marcada profundamente pela dimensão religiosa composta por uma série de expressões e práticas, sobretudo no tocante ao catolicismo popular; entre as quais, as renovações (Souza, 2000), as irmandades de penitentes (Carvalho, 2011), as festas e procissões e homenagem aos santos católicos, as peregrinações e devoção ao Pe. Cícero Romão (Ramos, 1996, 2012), sob as quais a cidade de Juazeiro do Norte edificou-se desde o século XIX até os dias atuais.

Juazeiro do Norte, centro do polo religioso caririense, recebe, por ano, cerca de dois milhões de peregrinos. As grandes romarias de Juazeiro estendem-se por todo o ano e são compostas pela Romaria de Nossa Senhora das Dores, a padroeira da cidade, entre os dias 12 e 15 de Setembro; Romaria de Finados, ou da Esperança, nos dias 1 e 2 de Novembro; e o ciclo se fecha no início do ano seguinte, nos dias 1 e 2 de Fevereiro, com a romaria de Nossa Senhora das Candeias. Também é possível destacar outras peregrinações e festejos, como Natal e Festa de Reis (24 de dezembro a 06 de janeiro); São Sebastião (20 de janeiro); Nascimento do Padre Cícero (24 de março); Morte / Passagem do Padre Cícero (20 de julho) e São Francisco (04 de outubro).

As confluências neste cenário religioso, constituíram-se num primeiro momento nas relações históricas do processo colonizatório do Cariri no século XVIII, onde conviveram (não sem exercício de dominação colonizador) os kariris, nativos da região; os colonizadores, vindos principalmente da Bahia, Pernambuco e Sergipe; e africanos escravizados (Girão, 1989)¹⁸⁰. Assim, indígenas e africanos, a partir de suas respectivas formações culturais, tiveram papel fundamental na formação da cultura religiosa caririense.

Mais tarde, no século XIX após o processo de aldeamento e da formação de Vilas no Cariri, adentra no cenário político e religioso de Tabuleiro Grande (hoje, Juazeiro do Norte), o Padre Cícero Romão Batista, considerado atencioso, conselheiro e dedicado aos mais pobres, atraiu a simpatia de muitos fiéis, fator fundamental para o crescimento e desenvolvimento da Vila de *Joazeiro*.

¹⁸⁰ Sobre o processo de colonização do Cariri ver: ARAÚJO, (Pe.) Antônio Gomes de. O povoamento do Cariri. Crato (CE), Faculdade de Filosofia do Crato, 1973. (Estudos e Pesquisas, VI). MACEDO, Joaryvar. Povoamento e povoadores do Cariri Cearense. Fortaleza, SECULT, 1985. PINHEIRO, Irineu. Efemérides do Cariri. Fortaleza, 1963. O Cariri: seu descobrimento, povoamento, costumes. Fortaleza, 1950. O Cariri: seu descobrimento, povoamento, costumes. Fortaleza, 1950.

O “Padrinho Ciço” atraiu ainda mais a atenção de fiéis e peregrinos após o conhecimento público do fenômeno chamado de “Milagre da hóstia”, quando em 1889, enquanto o Padre Cícero comungava para a população local, na Capela de Nossa Senhora das Dores (hoje, igreja matriz de Juazeiro), a hóstia consagrada pelo Padre Cícero transformou-se em sangue na boca da Beata Maria de Araújo, fenômeno este que voltou a se repetir em consagrações posteriores. Este fenômeno marcou imprescindivelmente a religiosidade em *Joazeiro*, e atraiu fiéis de todo o Nordeste. O Padre Cícero e a beata Maria de Araújo sofreram diversas formas de perseguição da autoridade maior da Igreja Católica no Ceará, o bispo Dom Joaquim José Viana¹⁸¹, porém, a fé do povo no “milagre da hóstia” resistiu às condenações da Igreja e Juazeiro permanece como um dos principais centros de romaria do Brasil, onde transitam romeiros de todo o Brasil, e principalmente da região Nordeste. Assim, como indica Oliveira (1985), a religiosidade popular de matriz católica constitui-se numa produção religiosa dos leigos, sobretudo das classes populares, em oposição “à produção religiosa de especialistas que sistematizam as representações e práticas religiosas, produzindo doutrinas e rituais explicitamente formulados”.

Além da forte presença do catolicismo, atualmente, Juazeiro também conta com a presença dos terreiros praticantes do candomblé (Domingos, 2011) e umbanda. Anualmente acontece a Caminhada Pela Liberdade Religiosa, organizada pelo Ilê Axé Omindandereci e Mutalegi, que cruza a rua central da cidade pelo direito à liberdade de expressão religiosa, e já se encontra em sua VIII edição este ano¹⁸². Porém, é com muito pesar e preocupação que registramos, em Setembro deste ano, a invasão e ameaças a um terreiro de religiosidade de matriz africana da cidade por um grupo religioso cristão¹⁸³.

Decerto, a religiosidade popular em Juazeiro do Norte reúne uma série de confluências históricas, étnicas e culturais de camadas tão diversificadas e se mostra como um campo privilegiado para reflexões acerca das problemáticas étnico-raciais contemporâneas. É neste sentido que, objetivando compreender como se configura a dimensão da presença dos afro-brasileiros e de seus universos simbólicos na cultura romeira contemporânea no Cariri (sobretudo na devoção ao Pe. Cícero em Juazeiro do

¹⁸¹ Autores consultados: Ralph Della Cava. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. Daniel

Walker. *Padre Cícero e Juazeiro do Norte*. Juazeiro do Norte: PMJN, 2009.

¹⁸² Ler mais sobre a Caminhada Pela Liberdade Religiosa através do link: <http://blogs.diariodonordeste.com.br/cariri/cidades/viii-caminhada-pela-liberdade-religiosa-acontece-a-partir-das-15-horas-em-juazeiro-do-norte/>

¹⁸³ Ler mais em <https://www.opovo.com.br/jornal/opiniao/2017/09/hilario-ferreira-sobre-racismo-religioso.html>

Norte). Neste cenário e contexto é que nasceu a proposta da pesquisa “A COR DA DEVOÇÃO: africanidade e religiosidade na cultura romeira no Cariri Contemporâneo”¹⁸⁴, de autoria de Dra. Maria Telvira da Conceição, da qual os dados parciais deste trabalho foram extraídos.

Para este trabalho, partimos das seguintes inquietações: Qual a dimensão da presença física e simbólica da cultura afro-brasileira nas romarias de Juazeiro do Norte? Em que medida esses elementos permeiam a tradição religiosa do Cariri? É possível reunir e conciliar no neste mesmo território a tradição religiosa de matriz católica e, em seus roteiros e artefatos, as percepções e práticas das religiões de matriz africana?

COR, IDENTIDADE RACIAL E TRADIÇÃO ROMEIRA EM JUAZEIRO DO NORTE

As atividades da pesquisa que fundamenta este trabalho tiveram início no mês de maio de 2016. Em setembro do mesmo ano - após as etapas iniciais de seleção e formação teórica de bolsistas da pesquisa - bem como a orientação de seus professores colaboradores¹⁸⁵, tiveram início as atividades de campo durante a Romaria de Nossa Senhora das Dores (também chamada de “Romaria de Mãe das Dores) em Juazeiro do Norte, cuja principal concentração de romeiros acontece na Basílica Santuário de Nossa Senhora das Dores. Cerca de 400 mil peregrinos visitam Juazeiro do Norte durante esta romaria¹⁸⁶.

Cientes do universo e objetivo da pesquisa, consideramos a relevância de uma abordagem que transita entre a pesquisa social e histórica, voltada para questões culturais, indenitárias e étnico-raciais. Ao pensar nestas questões inseridas no território marcado pela religiosidade, que é Juazeiro do Norte, lembramos a crítica de Laura de Mello e Souza a uma ideia de religiosidade que se desvincula de aspectos étnico:

Ora, o que parece despercebida é a característica básica da nossa religiosidade de então: justamente o seu caráter especificamente colonial. Branca, negra, indígena, refundiu espiritualidades diversas num todo absolutamente específico e simultaneamente multifacetado (Sousa, 1986, p. 115).

¹⁸⁴ Aprovada no Edital FUNCAP N° 09/2015-BPI.

¹⁸⁵ Os colaboradores dessa pesquisa, são os professores doutores: Cícera Nunes/DE Urca, Darlan Reis Junior/DH Urca e Nirlene Nepomuceno/CECAFRO/Puc SP.

¹⁸⁶ Dados extraídos dos registros oficiais da Basílica Santuário Nossa Senhora das Dores, que podem ser encontrados, também, através do link: <http://maedasdorejuazeiro.com/basilica/romarias>

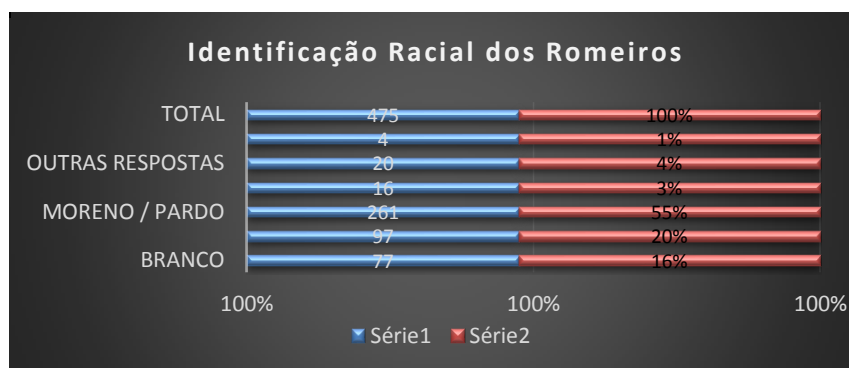
Nosso estudo também está situado na perspectiva da oralidade, pois os seus principais interlocutores são os romeiros (ou que nesta condição de identificam) do Padre Cícero e de Nossa Senhora das Dores. Que falam sobre suas próprias vivências e percepções tanto da perspectiva da devoção quanto do pertencimento étnico. Assim, a metodologia da pesquisa de campo consiste na aplicação de questionários aos devotos em atividades de romaria e a coleta de dados audiovisuais através de entrevistas autorizadas pelos romeiros, além dos espaços de grande fluxo de devotos: os roteiros de fé. Estes dados estão, no presente momento, sendo analisados e catalogados com a finalidade de compor o acervo audiovisual e imagético da pesquisa, que em sua última etapa farão parte do acervo digital da pesquisa (disponível em site) e a exposição itinerária A Cor da Devoção, idealizada durante a elaboração do projeto desta pesquisa.

O questionário aplicado durante as romarias é subdividido em três eixos: identificação do interlocutor (nome, gênero, procedência geográfica, escolaridade, profissão e renda familiar); reconhecimento da devoção (desde quando o interlocutor participa das romarias, quais os lugares que visita, quais artefatos e objetos adquiridos por eles que lembram sua fé, se o interlocutor e/ou sua família já recorreram a outra religião fora da matriz católica); e o eixo central: a identificação étnico-racial do romeiros, no qual buscamos compreender as percepções dos interlocutores acerca de: sua cor e identidade étnico-racial; da presença de pessoas negras nos lugares onde vivem os interlocutores; das relações familiares dos interlocutores com pessoas negras; da percepção de situações em que o racismo se faça presente durante as romarias.

Dentre os 475 entrevistas através da aplicação de questionários realizadas durante a Romaria de Nossa Senhora das Dores de 2016¹⁸⁷, 441 conseguem perceber as pessoas negras no grupo social do lugar onde vivem; e deste contingente, 346 pessoas afirmaram ter algum grau de parentesco com pessoas negras. Do total de entrevistados, 73% se consideram negros ou morenos, conforme ilustração no gráfico subsequente:

Gráfico 02 – *Identificação racial dos romeiros – Romaria de N.S das Dores*

¹⁸⁷ Em relação ao cálculo da amostra estamos utilizando os dados do contingente das pessoas que frequentam as romarias, coletados pela Sala de informação do romeiro, juazeiro do Norte. E como referência, os dados mais recentes que são os de 2015. Segundo os referidos dados, na romaria de setembro de 2015, solicitaram registro 39.487 (trinta e nove mil, quatrocentos e oitenta e sete) romeiros. Os dados contam com margem de 90% de confiança.



Fonte: Dados da Pesquisa “A cor da Devoção” - Setembro de 2016.

No contexto brasileiro, na qual a mestiçagem consiste num processo ideológico de branqueamento e marginalização da identidade afro-brasileira, considerarmos a ambiguidade da “fronteira” entre a autoidentificação dos romeiros enquanto negros e/ou pardos/morenos, conforme defende Munanga:

A mestiçagem tanto biológica quanto cultural teria entre outras consequências a destruição da identidade racial étnica dos grupos dominados, ou seja, o etnocídio. Por isso, a mestiçagem como etapa transitória do processo de branqueamento, constitui peça central da ideologia racial brasileira. (Munanga, 1999, 110)

Neste sentido, podemos dizer que a maioria dos interlocutores estão inseridos num mesmo grande grupo étnico.

Em julho do ano de 2017, durante a Romaria de Morte/”Passagem” do Padre Cícero, 221 romeiros foram entrevistados. Dentre estes, 185 afirmam perceber a presença de pessoas negras na sociedade ao seu entorno; 147 responderam “sim” quando indagados sobre a presença de pessoas negras na família; 30 pessoas se autodeclararam negras e 114 pardas. Nos chama a atenção o fato de que 11 pessoas relataram que já se sentiram incomodados pela sua cor (autodeclarados pretos e pardos).

Do total de entrevistados nesta romaria, 38 pessoas perceberam ou vivenciaram situações discriminatórias em relação à cor da pele (negra) em Juazeiro do Norte, durante as romarias. Um dos interlocutores nos conta: “*Um dia fui comprar um relógio para minha esposa no centro de Juazeiro. Olhei na vitrine, namorei com ele, mas não me atenderam. Eu reclamei com gerente, disse com minha língua grande: Essa loja não atende negro!*”¹⁸⁸. Entre os 221 interlocutores, 17 afirmaram já terem vivenciado

¹⁸⁸ Trecho da entrevista cedido por interlocutor durante a aplicação de questionários realizada na Romaria de Morte do Pe. Cícero de 2017, em Juazeiro do Norte. A entrevista integra o banco de dados da pesquisa “A COR DA DEVOÇÃO: Africanidade e Religiosidade na cultura romeira no Cariri contemporâneo”. O nome do interlocutor foi preservado, como acordado durante o momento da entrevista.

pessoalmente situações de preconceito racial no lugar onde vivem. Uma interlocutora nos relatou: “O povo sempre chama de *cabelo de bruxa, negra...*”¹⁸⁹.

Observando os dados apresentados acima, podemos aferir que, a maioria (ou parte numericamente significativa) dos romeiros que atualmente frequentam as atividades de romaria de Juazeiro do Norte se identificam ou expressamente se declaram negros e/ou morenos/pardos e compartilham de experiências e vivências que semelhantes. Nesta perspectiva, somos levados a travar um diálogo direto com os conceitos de cor e identidade racial, expressos aqui em sua presença física através do quantitativo de interlocutores romeiros e seus relatos.

É a partir da dimensão física da presença de afro-brasileiros nas romarias que consideramos adentrar nos universos simbólicos das africanidades que perpassam a cultura romeira no Cariri contemporâneo.

AFRICANIDADES, RELIGIOSIDADE E RESISTÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DO “TERRITÓRIO SAGRADO” DE JUAZEIRO DO NORTE

Pensar em africanidades é o ponto de partida para transitar pelo “território sagrado” (Ramos, 2012) de Juazeiro do Norte na busca de compreender a dimensão simbólica da presença de afro-brasileiros nas romarias. Assim, entendemos o termo de acordo com a definição de Petronilha Gonçalves (2011), que consiste na qual

a expressão africanidades brasileiras refere-se às raízes da cultura brasileira que têm origem africana. Dizendo de outra forma, queremos nos reportar ao modo de ser, de viver, de organizar suas lutas, próprio dos negros brasileiros e, de outro lado, às marcas da cultura africana que, independentemente da origem étnica de cada brasileiro, fazem parte do seu dia-a-dia (Gonçalves, 2011).

Em Setembro de 2017, durante a romaria de Nossa Senhora das Dores, nosso foco metodológico diferenciou-se da proposta de aplicação de questionários do ano anterior: nos interessou, no momento, a busca de registrar relatos audiovisuais dos devotos a partir de questões voltadas para as percepções e experiências do racismo e o trânsito e configurações da religiosidade partindo das romarias para a experiência pessoal dos

¹⁸⁹ Trecho da entrevista cedido por interlocutora durante a aplicação de questionários realizada na Romaria de Morte do Pe. Cícero de 2017, em Juazeiro do Norte. A entrevista integra o banco de dados da pesquisa “A COR DA DEVOÇÃO: Africanidade e Religiosidade na cultura romeira no Cariri contemporâneo”. O nome da interlocutora foi preservado, como acordado durante o momento da entrevista.

interlocutores. Para tanto, elaboramos um roteiro de entrevista que parte das seguintes indagações:

I-Racismo: percepção e experiência do racismo:

1) *Como se considera racialmente: acha que pertence algum grupo racial? Qual? E por quê?*

2) *Considera que há racismo no Brasil, no seu local de convivência, na sua família? Por quê?*

3) *Se presenciou algum fato, situação, episódio, xingamento racista até o presente?*

4) *Alguma vez já se viu praticando algum tipo de racismo (traduzir essa pergunta dependendo do entrevistado?)*

5) *O racismo contra as pessoas negras lhe incomoda? Por quê?*

6) *O que o Sr./Sra. pensa sobre a situação, a vida do povo negro no Estado, no lugar onde mora?*

II – Religiosidades: trânsitos e configurações

1) *O que motivou o Sr./Sra. ter fé no Pe. Cícero?*

2) *Conte como é que você vive sua fé no Pe. Cícero no seu dia-a-dia?*

3) *Se quando vem a Juazeiro percebe muitas pessoas negras como devotas do Pe. Cícero*

4) *Tem conhecimento, lá onde o Sr./Sra. mora ou mesmo aqui em Juazeiro, de outras religiões? Quais?*

5) *Conhece no presente ou no passado alguém que pratica candomblé, umbanda? Considera que essas crenças também são religiões? Por quê?*

6) *O Sr./Sra. senhora conviveria sem problema se tivesse alguém da família, amigos ou vizinhos que praticam candomblé ou umbanda? Por quê?*

7) *O Sr./Sra. considera possível ser devoto do Pe. Cícero e também de outras religiões como, por exemplo, do candomblé e da umbanda? Sim () Não () Por que em qualquer uma das respostas.*

8) *Sabe cantar algum bendito ou alguma reza que o Sr./Sra. costuma recitar no seu dia a dia? Poderia cantar ou recitar para ouvirmos?*

9) *Costuma usar o terço ou outro acessório religioso. Qual? Por que costuma usar este acessório?*

Dialogar sobre tais questões não foi uma tarefa fácil, da primeira à última entrevista, pois é preciso pensar na delicadeza que envolve abordar questões que permeiam o pertencimento étnico-racial e a religiosidade de matriz africana cientes de todos os estigmas e processos de despistes que esta carrega em sua formação histórica na sociedade brasileira; como nos indica Sodré,

a formação da sociedade brasileira, iniciada no século XVI, foi um processo de agrupamento, num vasto território a se conquistar, de elementos americanos (indígenas), europeus (os colonizadores portugueses) e africanos (escravos negros, trazidos principalmente da Costa Ocidental da África. No mesmo campo ideológico cristão do colonizador, fixaram-se as organizações hierárquicas, formas religiosas, concepções estéticas, relações míticas, música, costumes, ritos, característicos dos diversos grupos negros. (Sodré, 2005, p. 90)

Depois de cinco dias de intenso fluxo e ritmo de romaria e de pouco mais de vinte entrevistas, já quase vencidas pelo cansaço, entrevistamos uma interlocutora em atividade, que para nós, sintetiza em seus relatos o objetivo central da pesquisa em relação à busca de perceber as africanidades que presentes na romaria. Dona Ana, ou Noca como prefere, é uma mulher de 89 anos que se autodeclara negra, nordestina, integrante de uma roda de capoeira, devota do Padre Cícero e, depois de um alguns minutos de entrevista, nos relatou abertamente: é mãe de santo e pratica o candomblé desde a adolescência¹⁹⁰.

Só soubemos que Ana é mãe de santo durante a realização da entrevista, pois durante a abordagem para a gravação usamos o mesmo critério para a seleção de possíveis interlocutores: pessoas em atividade de romaria que estivessem disponíveis para dar o seu relato pessoa e autorizassem o uso do material coletado durante a entrevista (vídeo, áudio e fotografia) para os fins acadêmicos da pesquisa. No momento de abordagem, a interlocutora estava presente na reunião das três, idealizada pela Irmã Anete, um momento que durante os dias de romaria, às 15 hs da tarde. A reunião das Três é um momento da programação das romarias no qual os romeiros pedem orações, cantam benditos e fazem o registro de suas romarias no microfone aberto ao público.

Durante a entrevista, quando indagada sobre como era possível conciliar as obrigações do candomblé à fé no Padre Cícero e às atividades de romaria, Ana nos respondeu: *“Não me atrapalhou, nem me atrapalha. Ao contrário, na minha fé no meu Padim, Padim Ciço eu me sinto com força e realizada em todas as minhas dificuldades.*

¹⁹⁰ A entrevista realizada com Ana, com sua autorização para divulgação e menção ao seu nome, através da assinatura do termo de autorização do uso de imagem, compõe o acervo audiovisual da pesquisa “A COR DA DEVOÇÃO: Africanidade e religiosidade na cultura romeira no Cariri contemporâneo”, aprovada no Edital FUNCAP N° 09/2015-BPI.

Agora mesmo eu tô passando grandissíssíma, mas a fé tá tão grande, tá tão grande que eu sei que vou superar os contratempos". A interlocutora nos disse rezar o terço (expressão da religiosidade católica) e fazer as obrigações do candomblé.

Perguntamos para a interlocutora, também, quais os elementos e santos da religião católica presentes no seu local de ritual, de expressividade de sua fé; Ana nos responde: *"No meu peji tem Santa Bárbara... primeiro tem o meu Padrinho Ciço, tenho Santa Bárbara, tenho São Francisco. Olhe, é... São Gerônimo que o protetor do Pai Xangô; São Jorge, que é o protetor de Ogum; Santa Bárbara, que é protetora de Minha Mãe Iansã; Nossa Senhora da Conceição é protetora de Iemanjá; [...] Pai Joaquim que é o protetor dos Preto Velhos. Tudo isso tem dentro do meu peji."*

Dentro do processo histórico e cultural de tangenciamento do que Munanga (1999) chama de "signos culturais da diáspora", que se expressam também no campo da religiosidade através de tais associações presentes nos relatos da interlocutora, a resistência das africanidades na cultura afro-brasileira se dá através do que Glissant (2005) entende como "rastros, resíduos" da cultura de origem africana no Brasil. Conforme afirma o autor,

Os africanos, vítimas do tráfico para as Américas, transportam consigo para além da dimensão das Águas o rastro/resíduo de seus deuses, de seus costumes, de suas linguagens. Confrontados implacável desordem do colono, eles conheceram essa genialidade, atada aos sofrimentos que suportam, de fertilizar esses rastros/resíduos, criando, melhor do que sínteses, resultante das quais adquiriram os segredos. (Glissant, 2005, p. 83-84)

Quando indagada sobre a percepção e experiência pessoal do racismo na sociedade brasileira, a interlocutora responde: *"Na religião [...] no candomblé, pra ter mais expressão, tanto tem branco como tem negro. Tanto tem branco como tem negro. E tem brancos que também aceitam e tem negros que também que não querem aceitar. Fica a cargo [...] de quem vela."*

A partir do relatos de Ana, nos quais nos centramos neste trabalho, e de outros interlocutores durante a Romaria de Nossa Senhora das Dores de 2017 é possível afirmar que as africanidades e as expressões das religiões de matriz africana estão também presentes na cultura romeira do sul cearense - território de tradição religiosa de matriz católica. Estas práticas e percepções não "só" constituem parte significativa deste "território sagrado" como também, originárias de camadas populares, numa produção religiosa dos leigos, se opõem "à produção religiosa de especialistas que sistematizam

as representações e práticas religiosas” (Oliveira, 1985), constituindo, assim, uma frente de resistência das africanidades dentro do campo da religiosidade vigente na cultura romeira em Juazeiro do Norte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relevância de pautarmos o âmbito da presença de romeiros que se declaram inseridos no grupo étnico de afro-brasileiros e a preocupação de identificar e valorizar tal presença num campo quanto as romarias, está ancorada nas reivindicações históricas dos afro-brasileiros construída ao longo das décadas no Brasil, sobretudo nos movimentos negros brasileiros existentes desde o século XIX.

No Ceará como um todo, somando uma população de 61,88% que se autodeclararam pardos, e 4,64% de pretos. Desta forma, trata-se de uma região bastante expressiva em relação ao contingente de afro-brasileiros, e que dessa forma se identificam. Além disso, conforme os dados do último senso do IBGE em 2010, a região do Cariri cearense é “a Região que mais concentra a população negra”, o que nos dá margem para pensarmos, também, nos seus universos simbólicos e como estes se expressão no âmbito da religiosidade no Cariri.

Conforme foi apresentado neste trabalho, 73% dos romeiros que foram abordados por ocasião da Romaria de Mãe das Dores que se enquadraram no grupo étnico-racial de negros e morenos/pardos, levando em consideração a margem de acerto de 90% da pesquisa e as devidas proporções de cada contingente, os dados aqui apresentados ultrapassam os dados do último censo do IBGE de 2010, em que 7,6% se autodeclararam preto e 43,1%, moreno, totalizando 50,7% da população brasileira.

A pesquisa no qual este trabalho esta ancorado ainda está em processo de realização, tornando impossível tratar os dados aqui apresentados como definitivamente concluídos. A finalização da pesquisa - incluindo tabulação de dados, apresentação de gráficos, transcrição de depoimentos dos interlocutores, apresentação de trabalhos, divulgação dos dados em acervo digital e a exposição itinerante – está prevista para maio de 2018.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Anna Christina Farias de. **Sob o signo da fé e da mística**: um estudo das irmandades de penitentes no Cariri cearense. Fortaleza: IMEPH, 2011.

CORTEZ, Ana Sara Parente. **Cabras, caboclos, negros e mulatos**. A família escrava no Cariri cearense (1850-1884). Dissertação. (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Ceará, 2008.

DOMINGO, Reginaldo Ferreira. **Pedagogias da transmissão da religiosidade africana na casa de candomblé Iabasé de Xangô e Oxum em Juazeiro do Norte - Ce**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Ceará, 2011.

GIRÃO, Valdelice Carneiro. Da conquista à implantação dos primeiros núcleos urbanos na Capitania do Siará Grande. In: SOUZA, Simone (org.). **História do Ceará**. Fortaleza, Fundação Demócrito Rocha/Stilus Comunicações, 1989. (pp. 23 – 41)

GLISSANT, Èduard. **Introdução a uma poética da diversidade**; tradução de Enilce Albergaria Rocha.- Juiz de Fora: UFJF, 2005.

GONÇALVES, Petronilha. Africanidades Brasileiras – Esclarecendo significados e definindo procedimentos pedagógicos. **REVISTA DO PROFESSOR**, 28 Porto Alegre, 19 (73): 26-30, jan./mar. 2003.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia político e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: **Epistemologias do Sul/Boaventura de Sousa Santos**, Maria Paula Meneses (orgs). São Paulo: Cortez, 2010 (p. 455-491).

LOPES, José de Sousa Miguel. **Cultura acústica e letramento em Moçambique**: em busca de fundamentos antropológicos para uma educação intercultural. São Paulo: EDUC, 2004.

M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

MIGNOLO, Walter. Os esplendores e as misérias da ‘ciência’: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versidade epistêmica. In: **Conhecimento prudente para uma vida decente: Um discurso sobre as ciências revisado / Boaventura de Souza Santos**, (org.) – 2º ed. – São Paulo: Cortez, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil-identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. **Religião e dominação de classe**: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil. Petrópolis (RJ): Vozes, 1985.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber: Eurocentrismo e Ciências Sociais perspectivas latino-**

americanas. Compilado por Edgardo Lander - 1ª Ed. - Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciências Sociais -CLACSO, 2005 (p. 227-278).

RAMOS, Francisco Regis Lopes. **Imagens do Sagrado** - A construção do Padre Cícero Imaginário dos devotos. Dissertação (Mestrado em Sociologia)- Universidade Federal do Ceará/UFC, 1996.

RAMOS, Francisco Regis Lopes. **O meio do mundo** - território sagrado em Juazeiro do Norte. Fortaleza: EDUCFC, 2012.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida** – por um conceito de cultura no Brasil. Francisco Alves, 1998.